

Revista  
Latino-americana de

**Geografia**  
e  
**ênero**

Volume 15, número 1 (2024)

ISSN: 2177-2886

Apresentação

## Homens Gays e/na Geografia: Ensino, Pesquisa e Espaços Vividos

*Los hombres homosexuales y/en la geografía: enseñanza,  
investigación y espacios vividos*

*Gay Men and/in Geography: Teaching, Research and Lived  
Spaces*

### Texto de Apresentação:

Wallace Wagner Rodrigues Pantoja  
Instituto Federal do Pará – Brasil

### Organizadores do Dossiê:

Benhur Pinós da Costa  
Universidade Federal de Santa Maria – Brasil

Carlos Gayer Moreira  
Secretaria Municipal de Educação de Bagé – Brasil

Diego Miranda Nunes  
Universidade Federal de Santa Maria – Brasil

Wallace Wagner Rodrigues Pantoja  
Instituto Federal do Pará – Brasil

O Dossiê "Homens Gays na Geografia" seria impensável há poucos anos. Aliás, para muitos, ainda é impensável hoje. Mesmo com a emergência de horizontes geográficos altamente críticos ao conhecimento autocentrado no homem estatístico, que é possivelmente branco, hétero – colocado como o ponto cardeal fora do mapa da realidade que legisla sobre toda a representação de mundo conhecida e por conhecer – cujas vozes feministas já denunciavam há décadas, tematizar a espacialidade desde as experiências gays no Brasil e fazer disto um limite programático para refundar conceitos de nossa ciência ainda é cruzar uma linha temerária.

Assumir, então, a própria experiência do pesquisador gay como provocadora de posições teóricas e escolhas de pesquisa – nem sempre de modos explicitamente conscientes – é um convite para ser encaixotado no armário acadêmico da produção científica, julgado como polemista, sem valor explicativo, menos que marginal, anedótico e incapaz de apontar substâncias novas que revitalizem a Geografia.

E, ainda assim, sobrevivemos. Nossas vozes emergem estridentes contra os anti-lugares (pois “não-lugares”<sup>1</sup> ainda são passíveis de

algun acolhimento) do encontro, do pensar, do sentir, do pesquisar, do comunicar e do sonhar, anti-lugares sem escala – o princípio espacial de relação – e sem densidade geohistórica – disponível para representação enquanto Outro diluído/destituído de qualquer profundidade humanizável. Ser pesquisador gay comumente exige separar radicalmente o ser do saber; misturar ou atravessar o que somos para o que pesquisamos é, não raro, cruzar um limite cujo preço é alto demais no plano da produção científica geograficamente engajada.

E, ainda assim, sobrevivemos. E pagamos o preço por atravessar esse limite.

Os itinerários de pesquisa que você vai se aproximar reúnem pesquisadores com longa produção no enfrentamento temático da realidade geográfica – muitas vezes, vozes solitárias por tanto tempo – e novos pesquisadores cuja coragem de sacudir fundamentos comportados do fazer teórico-metodológico é maior do que a prudência em trilhar um caminho seguro na pesquisa nacional. Há pesquisadores que sempre assumiram a importância das reflexões de gênero, diversidade sexual e espaço como centrais em seus caminhos e outros que “se descobriram” agora, depois de muito sufocar sua potência para enquadrar-se em orientações lidas como “dignas” de investigação.

São pesquisadores de diversos cantos do Brasil e até de fora dele, de modo que não se espera uma unidade teórica ou metodológica – embora a reflexão em torno do "corpoespaço" seja uma centralidade em grande parte dos artigos – o que oferecemos são estilhaços entrecortados por vozes imparáveis, que contam diferentes geobiografias, assumem diferentes expressões teóricas, lançam-se a um experimentalismo metodológico e se desafiam a enfrentar, de alguma maneira, a questão: como a pesquisa é reveladora da decisão de assumir ser?

Iniciamos o dossiê com o trabalho – reconhecimento – de Carlos André Gayer Moreira, "Entrevista e Tributo *in memoriam* do Professor Robson Paim: um breve olhar sobre gênero e sexualidade na Geografia". Uma posição ousada, em retrospectiva, de um jovem professor/pesquisador que nos deixou cedo. Carlos busca o terreno da sensibilidade do encontro honesto para demonstrar caminhos de uma geografia cuja ética não se confunde com epistemologia.

Fernando Seffner assume olhar para si mesmo e daí fazer emergir uma divisão entre passado e futuro não separáveis pelo presente, flertando com uma topologia dupla de aprendizado contundente em "Um Espaço, uma Cultura, um Cotidiano e Memórias de dois Tempos: de aluno gay a docente gay".

Felipe Costa Aguiar nos provoca a sentir "Como a Sexualidade se Torna uma Questão? cartas sobre experiências na docência e pesquisa em Geografia". Em um tom intimista – o que não significa autoindulgente – revela nuances despercebidas quando desejamos uma "Geografia dos Grandes Temas" e repetimos os protocolos seguros, sem tomar desvios, na ampla estrada da academia e do ensino.

"Escrita de Nós ou Escrita Engajada: geografias de vida desde um professor gay", de Tiago Rodrigues Moreira, lança-nos na possibilidade de compreender

1 Pensamos em Marc Augé, mas não só, toda uma teoria apropriada dentro e fora da Geografia que relaciona lugar e afeto em um sentido spinoziano que desemboca em não-lugares, *placelessness*, etc.

como nossa sexualidade em situação reverbera no ato de educação geográfica nas escolas, dada a inseparabilidade entre o que somos, o que ensinamos e onde ensinamos, provocando a ambiguidade (ou antes, clivagem) situada no entre hostilidade e hospitalidade.

Nessas incursões problematizantes sobre espaços educativos, Victor Pereira de Souza anuncia o "Corpo Viado: inflexões sobre o encontro entre a Geografia e a escola". Evocando uma geograficidade inerente ao fazer Geografia, por exemplo, desde um corpo viado na escola, ao invés de uma ilusão desencarnada de que a Geografia é um rosário de conceitos prontos a aprender. Que topograficidade ensinante um corpo dissidente pode provocar é o que nos instiga a imaginar, desde suas experiências em escolas da Região Metropolitana do Rio de Janeiro.

Quem são aquelas para além dos muros das instituições de ensino que, por pressão incontornável, já não podem barrar políticas da diferença/diversidade sexual, mas se esforçam para prescrever quem são os LGBTs aceitáveis do lado de dentro? Em "Aqueles da Esquina: diferença sexual e cartografia da reXistência", Wallace Pantoja esboça as desorientações geográficas emergentes no do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará (IFPA), Campus Belém, do desejo institucional do diverso-quase-mesmo-aceitável.

Pedro Israel Mota nos impõe a pergunta que emerge desde sua experiência bicha-paraense-periférica (em um triplo sentido: na vida urbana, no temário acadêmico, na corporeidade não-masculinista): "Importa a Espacialidade do Corpo Jovem Dissidente para a Geografia?", pergunta que reverbera as incursões iniciais de uma pesquisa que pretende afirmar um campo já em formação não separatista entre pesquisa e uma fenomenologia da orientação sexual-corno-geográfica.

Diego Miranda Nunes assume as "Geografias dos Corpos Gordos" como uma necessária reflexão sobre interseção dupla para homens gays diante das exigências impostas por uma sociedade que não apenas discrimina, mas que quase criminaliza corpos gordos. Aqui, a Geografia é mais compreendida como uma ordem geossocial de distribuição de pessoas e locais que um saber – neutro ou engajado – sobre a espacialização dos fenômenos do mundo. O autor desenha conexões que podem abrir subcampos de pesquisa e estratégias metodológicas menos engessadas.

Mateus Fachin Pedroso, em "Corporeidades e Metodologia de Pesquisa Geográfica: reflexões e práxis feministas" explicita a necessidade primeira da pesquisa – e a metodologia correlata – não perder de vista nunca a concretude irreduzível de quem participa da pesquisa, não como simples informante, mas copartícipe da elaboração do conhecimento. Desde a experiência com mulheres que vivem com HIV/AIDS em Presidente Prudente/SP, um itinerário que aproxima pesquisa e agenda política e desenha uma geografia feminista corporificada necessária.

Benhur Pinós da Costa retoma uma feitura do campo de pesquisa do passado. "Espaço, Representação e Performatividade: concepções de experiências vividas" ousa enfrentar o itinerário que fez há anos, para, desse reencontro, inclusive consigo mesmo, mais do que comparar, reorientar o pensar de relações significativas que configuravam misturas corporais em microterritorialidades moventes em Porto Alegre/RS.

Victor Dantas Siqueira Pequeno não perde tempo com o senso de polidez acadêmica em "'Adoro um Pau Preto' assim ele disse no grindr: quando um elogio reacende a ferida colonial". O que lhe interessa é a força da experiência dos atravessamentos corporais marcados por (des)encontros de (si-no-)outro. Propõe-nos pensar as relações de encontro para além da dualidade (falsa) entre reconhecimento e estranhamento, ficção e realidade material, mas articulando-as em (auto)narrativas de choque-abraço.

O artigo "Espaços e Geografias do Armário: homens gays e métodos de em movimento" pretende um experimentalismo carto-metodológico de Leo Name e Oswaldo Freitez, enfrentando aspectos como ética da pesquisa e transformações no tempo-espaço de uma vida em um período de tempo longo – dez anos – o que pode provocar mudanças substantivas na autopercepção e na experiência espacial concreta, o que inclui o imaginário – das escalas que se desdobram, ou nos sufocam, dentro dos armários do mundo.

Nós sobrevivemos. E inventamos geografias (im)possíveis!.

Wallace Wagner Rodrigues Pantoja  
Apresentação

**Wallace Wagner Rodrigues Pantoja**

